

A CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA DE DEUS A PARTIR DAS RELAÇÕES ENTRE OS LIVROS VIII DA FÍSICA E XII DA METAFÍSICA

Fabiano Stein COVAL*

RESUMO

*Neste artigo pretendemos examinar o conceito de Deus conforme Aristóteles o pensou em duas de suas principais obras: a **Física** e a **Metafísica**. Inicialmente demonstramos as relações entre ambas para, em seguida, abordá-las diretamente.*

RESUMÉ

*Il s'agit d'examiner le concept de Dieu, chez Aristote, mettant en relief les relations entre la **Physique** et la **Metaphysique** aristotélicienne à propos de ce concept. Au départ, l'article envisage les liens entre ses oeuvres et, en suite, les examine directement.*

“Quando eu era jovem tive um maravilhoso desejo de conhecer isso que chamam περι φυσικος ιστορια, porque me parece magnífico saber as causas de cada coisa, porque chega a ser, porque perece e porque é cada coisa”

Platão, Fédon, 96a.

“Se o movimento é por necessidade eterno, tem que ser contínuo. E se por necessidade é eterno e contínuo, tem que ser singular. E se por necessidade é eterno, contínuo e singular, tem que ser o movimento de um móvel eterno causado por um motor eterno. Assim pois, se tem que haver um movimento eterno, tem que haver também um primeiro motor eterno”

Simplício, 1254, 34 ss.

^(*) Mestrando em Filosofia pela PUC-Campinas e bolsista da CAPES.

I - INTRODUÇÃO

1. Justificativa

Não se conhece momento da história humana no qual muitos ou poucos deixaram de estar preocupados com certos problemas que afligem ao Homem, confirmando a celeberrima frase com que Aristóteles abre magnificamente a sua *Metafísica*.¹ Certamente o problema do transcendente e do Absoluto ocupam posição privilegiada nas inquirições humanas e não há fase da história do pensamento que pareça dizer o contrário, a despeito de certas negações irracionais.²

Hoje, se não mais, seguramente tanto quanto qualquer época, urge refletirmos esta problemática: o advento da técnica, a valorização excessiva da razão instrumental, o niilismo, o mal estar da humanidade estão aí para denunciar os descaminhos do homem contemporâneo.

Mas mesmo que estas não sejam razões boas o suficiente para preocuparmo-nos com a questão de Deus, basta que observemos os rumos da ciência atual, não em relação aos seus efeitos - freqüentemente desastrosos - mas em relação ao próprio desafio de encontrar uma solução ao problema do fundamento. Não raro cientistas de todos os campos do saber valem-se de conceitos metafísicos como *conditio sine qua non* para se produzir um discurso dotado de sentido sobre a realidade.

Eis o fato que norteará as páginas que se seguem: apurar não só na *Metafísica* mas também na Física Aristotélica os apontamentos para uma solução da pergunta sobre Deus. E por que Aristóteles? Qualquer resposta à esta questão correria o risco de soar simplista. Basta que admitamos ser Aristóteles um dos maiores gênios que a espécie humana já conheceu e as freqüentes retomadas de seu pensamento, mesmo por aqueles que querem criticá-lo, aí estão para confirmá-lo.

Inicialmente é necessário que nos desvencilhemos da concepção de Física que passou a vigorar a partir da modernidade. A física Aristotélica compreende uma ciência dos princípios mais gerais para o estudo da natureza, por isso se pode dizer que a física de Aristóteles constitui-se na

verdade uma *metafísica do sensível*. E isso procuraremos demonstrar nas próximas linhas.

2. A Física de Aristóteles

Sabe-se que Platão dedicou seus últimos anos de vida e trabalho acadêmico à revisão de sua doutrina mas também a uma reflexão sobre a *kínesis* e a *gênesis*, de onde resultou o *Timeu*. Ora, Aristóteles vivenciou todo este contexto³, de maneira que seria absurdo supor que o mestre não deixaria marcas indeléveis no pensar de Aristóteles no que concerne à *jusikh episteme*⁴.

No entanto, a inovação do Estagirita neste campo foi magnífica - como o foi toda a sua Filosofia - com relação a Platão: uma inovação quanto ao modo de entender a *episteme* (para Platão os entes sensíveis não comportam ciência rigorosa) e quanto ao objeto da ciência física, que em Aristóteles representa a síntese de duas formas de pensamento: por um lado a tradição jônica e por outro a tradição eleática, que culminava no próprio Platão. Os jônios haviam buscado a *phýsis* que internamente constitui as coisas e viram nela um *primordium* indiferenciado (sempre uno e idêntico), princípio e raiz da diversidade. Este enfoque foi relativamente assumido por Aristóteles, pois o que chamamos natureza ou Ser não é algo de realmente distinto das coisas e sim o que internamente as constitui (a noção de *ousia* refere-se exatamente a isto). Relativamente, pois para nosso Filósofo só podemos pensar esta *phýsis* do ponto de vista daquilo que faz os jusei ontá sejam em cada caso, isso é, o ponto de vista de sua essência, superando assim a tese "Tudo é um...". A natureza é sempre natureza das coisas, mas não se identifica plenamente com elas.

Deve-se admitir um "de quê", um *primordium* material, mas o que faz com que as coisas estejam sendo o que são e o que nos permite conhecê-las é seu *eîdos*, que é, ao contrário de Platão, um constitutivo interno das coisas. Forma não é só um postulado necessário do pensamento, mas sim o que internamente as conforma, uma conformação que brota do fundo da *phýsis* de cada coisa. Assim, a *episteme* da *phýsis*, segundo suas manifestações empíricas, é vista por Aristóteles como a busca interna da conformação que faz com

que as coisas estejam sendo em suas diversas realizações. É a partir deste enfoque que se entende a Teoria do Movimento, da qual necessariamente somos conduzidos a Deus.

II - FÍSICA E FILOSOFIA PRIMEIRA

Se temos por objeto discorrer sobre o problema de Deus em dois momentos bem específicos do *Corpus Aristotelicum*, cumpre fazermos alguns esclarecimentos no que tange às relações entre Física e Metafísica., isto é, qual o lugar da Física no conjunto de sua Filosofia Teorética.

Segundo Aristóteles, a Física era a segunda ciência teorética cujo objeto era a investigação da realidade sensível, caracterizada essencialmente pela presença do movimento. No entanto, Aristóteles não perde de vista a necessidade d'a forma ser o princípio dominante nesta realidade sensível.⁵ Boa parte da atividade filosófica de Aristóteles esteve dedicada ao estudo dos *phýsei ónta*, investigar o que são, como são e em que consiste seu caráter fundamental, que manifesta sua própria condição e seu movimento.

Ora, sabemos que Aristóteles concebeu um saber mais radical que a Física e lhe chamou *Próte Philosophía*, consagrada pela tradição como metafísica. No entanto, é preciso cuidado com a palavra metafísica, pois o metafísico não se preocupa exclusivamente com o além do físico, como sugere o nome. É, pois, preciso esclarecer que para Aristóteles o físico é a entidade mesma das coisas, com o qual o metafísico está já no físico, ainda que seja objeto de duas ciências distintas mas não independentes, pois a Física não é uma mera ciência subalterna e derivada, já que a Metafísica se apoia sobre essa mesma realidade que estuda a Filosofia Segunda, até o ponto de que não só sua Física remete à Metafísica, como esta não pode ser concebida sem aquela.

Os conceitos de movimento, contínuo, lugar, tempo etc., fundamentais à física - e tão caros à ciência contemporânea -, são definições ontológicas, ainda que isso provoque brados de revolta entre os cientistas de nossos tão conturbados dias. Por isso, enfatize-se, não há extrapolação se afirmamos que a Física Aristotélica é uma *Metafísica do sensível*.

Trata-se daquilo que na classificação das ciências feita por Wolff seria denominado Cosmologia. Daí podemos concluir que da física pode-se - e deve-se - pôr o problema de Deus.⁶

Mas é preciso novamente cuidado para não associarmos demasiadamente Física e Metafísica. A Filosofia Primeira versa sobre o que é primeiro na ordem do Ser, e o que é primeiro é a quiddidade, para usarmos um termo escolástico. O *on h on* (Ser enquanto Ser) é o objeto por excelência da Filosofia Primeira, por isso ela é uma ontologia, uma ciência da totalidade do Ser, que abarca inclusive o *Théos* como o mais nobre dos entes.

A *phýsis* de que falavam os pré-socráticos já não é para Aristóteles o todo do real. Há também um gênero de ente supra-físico, primeiro e separado, o do *Théos*, objeto da Filosofia Primeira no seu cume, enquanto Teologia.⁷ Entretanto, o para jusin não é na verdade o sobrenatural, mas o supra-material, acima da natureza material. O Deus de Aristóteles, entendido como puro *eîdos* não está além do Ser, mas é um ente cuja *phýsis* é puramente formal.

Com isso, espera-se, fique claro a razão de que seja possível e necessário apoiar qualquer reflexão sobre Deus a partir dos conceitos fundamentais de Aristóteles, além de sua Metafísica, em sua Física. Mas vamos ao texto e procurar ouvir o que ele tem a nos dizer.

III - DEUS COMO ARISTÓTELES NO-LO APRESENTA NA FÍSICA

O primeiro momento em que Aristóteles aborda explícita e efetivamente o problema de Deus na **Física** encontra-se precisamente no capítulo I do livro VII, ao tratar do princípio do movimento e, daí, concluir a necessidade de um primeiro motor. Acompanhemos seu raciocínio.

Em conformidade e a partir do princípio de causalidade, inicia assim Aristóteles: "Tudo o que está em movimento tem que ser movido por algo" (241b 34).⁸ Explica-se: posto que o ato é anterior à potência e o movimento é a atualização do potencial enquanto tal, é necessário que algo já atual atualize o potencial. Ora, se o ente móvel não tem em si

mesmo o princípio de seu movimento, naturalmente deverá ser movido por outro.⁹

Mas esta linha de pensamento precisa ter um limite. “Se uma coisa, diz o filósofo, é movida com movimento local por outra que está em movimento, e esta que move por sua vez é movida por outra que está em movimento, e esta última por uma outra, e assim sucessivamente, terá que haver então um primeiro motor, já que não se pode proceder ao infinito” (242a 51 - 54).¹⁰ E isso nos parece muito claro afinal, caso não houvesse um princípio, nada estaria em movimento.

Embora o conteúdo do capítulo 2 do livro VII não esteja diretamente relacionado ao problema de Deus, parece relevante mencioná-lo: trata-se do necessidade de o que move e o que é movido estarem em contato. E a relevância reside exatamente em evitar uma possível confusão que o leitor mais desatento poderia cometer em relação à frase que abre o capítulo: “O primeiro motor, entendido **não como fim e sim como princípio de onde vem o movimento**¹¹, está junto com o movido” (243a 31 -33).

Concentremo-nos agora mais detidamente no livro VIII, no qual Aristóteles formula com a precisão e o rigor de pensamento que lhes são tão característicos sua doutrina sobre Deus, sem perder de vista a finalidade desta obra: oferecer uma explicação dos seres físicos e suas propriedades.

Primeiramente, não se pode deixar de especular os motivos que teriam levado Aristóteles a encerrar exatamente com assunto tão metafísico uma obra dedicada à *phýsis*. É lugar comum entre os intérpretes que Aristóteles melhor do que ninguém reconheceu e explicitou esta necessidade que a razão humana possui de encontrar um fundamento, de buscar uma superação do vazio que parece pairar sobre nós quando encontrou seu limite a investigação acerca dos entes sensíveis enquanto tais. A razão não se esgota na dimensão física da realidade e tão pouco a realidade física, material, revela ter seu fundamento em si mesma. E Aristóteles cumpriu este desafio: o de mostrar que a física exige uma metafísica.

O livro VIII inicia-se com considerações a respeito da eternidade do movimento, provando que este sempre existiu. Em primeiro lugar - e isso é de importância capital -, Aristóteles evidencia a

existência do movimento, argumentando que seria impossível haver geração e corrupção dos seres sensíveis se não existisse o movimento.

Isso posto, o Estagirita retoma algumas definições de movimento já enunciadas na **Física**, e convém transcrever as observações que se seguem. “O movimento (...) é a atualidade do móvel enquanto móvel. É necessário, então, que existam coisa que possam mover-se segundo cada movimento. E, ainda, deixando de lado a definição de movimento, todos admitiriam que para que algo se mova é preciso que possa mover-se segundo cada movimento particular; assim, para que algo seja alterado tem que ser alterável (...). E sem dúvida será necessário que estas coisas tenham sido engendradas em algum tempo, antes do qual não existiam, ou que sejam eternas”. E prossegue: “Pois bem, se cada uma dos entes móveis foram gerados, então com anterioridade a este movimento deve ter havido outra mudança ou movimento, aquele pelo qual foi gerado o que pode ser movido ou mover” (251a 8 - 19).

No entanto, embora o movimento seja eterno, ele não é infinito¹², pois seria absurdo supor que exista uma sucessão infinita de entes movidos e que movem, afinal, neste caso não haveria movimento algum.¹³

Na seqüência, Aristóteles refuta as objeções à eternidade do movimento (252b 7 - 253a 19) e, em conformidade com sua célebre teoria da *plurivocidade do Ser*¹⁵, Aristóteles explica como o repouso e o movimento são modos de ser da substância (253a 20 - 254b 7). Chegamos, então, ao capítulo 4, no qual o Filósofo mostra que tudo que está em movimento é movido por algo, e tal demonstração conduz necessariamente ao conceito de motor imóvel.

De duas maneiras ocorre que tudo que está em movimento seja movido por algo: ou que sejam movidas pelo movente mesmo (senão mediante outra coisa que move o movente) ou que sejam movidas pelo movente mesmo (e neste caso o movente precede imediatamente ao último termo da série ou move mediante uma pluralidade de intermediários.¹⁵

E se tudo que está em movimento tem que ser movido por algo, e se o que move tem que ser movido, por sua vez, por outra coisa ou não, e se é

movido por outra coisa movida terá que haver um primeiro movente que não seja movido por outra coisa, pois é impossível que haja uma série infinita de moventes movidos por outro, já que em uma série infinita¹⁶ não há nada que seja primeiro.¹⁷ É impossível, afirma Aristóteles, que algo mova mediante outra coisa se não há um movente que se mova por sua própria ação.

Prosseguindo na investigação acerca de Deus e suas determinações, deparamo-nos com aquele que talvez seja o cume do pensamento aristotélico concernente a Deus, expresso no capítulo 6 do livro VIII. Nele, o Estagirita afirma que o primeiro motor é eterno, uno e imóvel, e o raciocínio de Aristóteles pode assim ser resumido: Posto que é preciso que sempre tenha havido movimento e que não se interrompa jamais¹⁸, deve haver algo eterno que mova primeiro, e o que primeiro move, seja um ou mais, terá que ser imóvel. Que é eterno, isto evidencia-se pela eternidade, já demonstrada, do movimento. Que é uno, isto evidencia-se pelo fato de ser melhor que seja um (e uno) do que vários e múltiplos, ou finitos melhor que infinitos, “pois, quando as conseqüências são as mesmas, temos que supor sempre que as causas são finitas e não infinitas, posto que entre as coisas naturais o finito e o melhor¹⁹ tem de prevalecer, quando é possível, sobre seus opostos. E é suficiente que haja um único movente, o primeiro dos imóveis que, ao ser eterno, será para todas as demais coisas o princípio do movimento” (259a 9-13).

A título de conclusão, deve-se dizer que o Primeiro Motor não possui partes e nem magnitude, pois se tivesse magnitude esta teria que ser finita ou infinita, mas não pode haver uma magnitude infinita em ato (pois o infinito é imperfeição), e tão pouco pode ser finita, pois é impossível que uma magnitude finita tenha uma potência infinita, bem como é impossível que uma coisa seja movida por uma magnitude finita em um tempo infinito. Com efeito, “o Primeiro Motor move com um movimento eterno em um tempo infinito. Logo, é evidente que é indivisível e sem partes e que não tem magnitude” (267 b23-27).

Muito mais haveria que ser dito, posto que beira a vulgaridade e o desrespeito dizer tão pouco sobre doutrina tão ampla e complexa. No entanto,

dada a natureza deste estudo, que se dê por suficiente.

IV - DEUS SEGUNDO A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

É consagrado o livro XII (L) da Metafísica ao estudo de Deus. Lembremo-nos que este constitui mesmo uma das definições de Filosofia Primeira e a Teologia, não há quem possa negá-lo, é precisamente o coroamento da filosofia aristotélica. Alguns conceitos-chaves, entretanto, não são extensamente abordados e, antes, são até subentendidos, pois o Filósofo já havia dedicado todo o livro VIII da **Física** (Cf. supra) ao problema teológico.

O primeiro capítulo já nos informa que existem três tipos de substâncias: sensíveis corruptíveis, sensíveis incorruptíveis e a substância supra-sensível, eterna e imóvel, devendo esta última ser estudada pela Metafísica. Mas é apenas a partir do capítulo 6 que Aristóteles aborda efetivamente o problema de Deus.

Principia por demonstrar a existência da substância supra-sensível e seu argumento é mais ou menos este: as substâncias têm prioridade sobre todos os outros modos de Ser, de modo que, se fossem apenas e todas elas corruptíveis, não haveria nada de incorruptível. Entretanto, o tempo e o movimento são seguramente incorruptíveis, de maneira que deve haver um Primeiro Motor (e isto já foi explorado magistralmente na **Física**). Ora, este princípio motor, para produzir um movimento eterno, deve ser eterno, e para produzir um movimento contínuo deve estar sempre em ato. Portanto, existe um primeiro motor cuja essência consiste em ser eterno, ato puro e, exatamente por ser pura atualidade, desprovido de matéria. Eis que está provada a existência da substância supra-sensível, a qual identifica-se com Deus.

Talvez seja interessante notar uma sensível diferença na exposição que faz deste argumento o filósofo contemporâneo Gabriel Garcia Morente em sua famosa obra²⁰. Diz Morente: para Aristóteles é desnecessário provar a existência de Deus, sobretudo porque ela é auto-evidente, pois se tudo o que conhecemos é contingente, ou seja, é mas

poderia *não ser*, é forçoso que exista um Ser absolutamente necessário, absoluto e perfeito, pois do contrário nada existiria.

A explicação de Morente talvez se baseie na anterioridade que o ato tem em relação à potência pois, segundo Aristóteles, a potência só é anterior ao ato quando consideramos um ente individualmente, mas se tomamos algo como princípio e generalizado, é natural que o ato anteceda a potência, pois para uma coisa passar da potência para o ato é preciso que existam causas já em ato. A matéria e a potência não se movem por si mesmas mas precisam de um princípio motor em ato.

E novamente nos vemos diante do problema da sucessão infinita de causas moventes e novamente somos forçados a admitir um princípio primeiro que mova e que permaneça ele mesmo imóvel. E isso é possível porque o Primeiro Motor move enquanto causa final e não enquanto causa eficiente, posto que Deus é amado, é objeto de desejo.

Em uma das páginas mais belas de toda literatura filosófica em todos os tempos, lê-se: “Tal é o princípio a que estão subordinados os céus e toda a Natureza. E é uma vida semelhante à melhor que gozamos aqui na Terra, mas apenas por pouco tempo, visto que ele se encontra perpetuamente neste estado, o que a nós é impossível, e porque a sua atualidade é também prazer.(...) Se Deus goza eternamente essa felicidade que nós só conhecemos por instantes, tal coisa nos enche de admiração, e mais ainda se a sua felicidade é maior. E maior é, seguramente. A vida reside nele, porque a atualidade do pensamento é vida, e Deus é essa atualidade; a atualidade autônoma de Deus é a vida perfeita e eterna. Dizemos, pois, que Deus é um ser vivo, eterno, supremamente bom, de sorte que a ele pertencem a vida e a duração contínua e eterna; pois isso é Deus” (1072b 13-17, 25-30).

A despeito das considerações que se seguem, a respeito de outros primeiros motores - que são em grande parte fruto da influência da mitologia da época -, deixa em nós indelével marca a verdade desta intuição fundamental que teve Aristóteles da existência do Divino.

Cabe agora discorrer sobre a atividade de Deus. Sendo Deus puro pensamento, evidentemente Deus somente pensa no que há de mais elevado e

divino e o que é mais divino é aquilo que não está sujeito ao movimento e à corrupção, portanto o próprio Deus. Deus é, destarte, pensamento que pensa a si mesmo.

A natureza do pensar divino é pura atualidade, não cessa nunca, posto que do contrário teria alguma potencialidade e isso lhe causaria interrupções, cansaço, o que seria absurdo atribuir a Deus. A Deus, e somente a Ele, podemos atribuir a coincidência plena entre Ser e pensar (célebre doutrina de Aristóteles), pois tudo o que não é mesclado com matéria possibilita a coincidência plena e Deus é absolutamente imaterial.

Por fim, estabelece-se que o objeto do pensamento divino é simples, pois sua imaterialidade exige simplicidade.

Em suma, Deus é vida...Deus é amor...Deus é beleza...E a ele todos buscamos.

V - CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo não foi o de apontar os possíveis problemas da Teologia aristotélica, como suscitam alguns intérpretes mas, em concordância com a tese de Giovanni Reale a respeito da unidade do pensamento do Estagirita, apresentar sinteticamente a doutrina de Deus segundo Aristóteles em dois momentos específicos de sua produção intelectual.

Certamente, em tempos de desorientação, como estes em que vivemos, quando nem a razão, nem a ciência, nem a técnica dão conta de abarcar os mistérios e as maravilhas do Universo, pelo contrário, tudo o que fazem é produzir um “conhecimento”(?) que revela um mundo desencantado e sem sentido, Aristóteles nos dá o exemplo de como podem existir “esperanças”, de como se pode filosofar, de como o humano pode tornar-se mais humano. Nos mostra como ainda podemos confiar na razão. Não que Aristóteles deva desempenhar um papel de “clínico” para nossas vidas, mas o saber dos antigos pode ser uma terapia para os tempos atuais²¹ à medida que pode “salvar” a racionalidade.

Como nos mostrou magistralmente Enrico Berti em duas de suas obras (pequenas em extensão mas grandes no conteúdos e nos resultados), muitas

foram as utilizações que Aristóteles fez da razão humana²² e elas ainda nos são possíveis; muito vivo permanece Aristóteles no meio de nós, prova-o as tantas retomadas que foram e são feitas dele, posto que seu pensamento é um caso raro de sistema aberto²³ com muitas possibilidades. Quando não mais aceitarmos a falta de rigor e radicalidade - características essenciais da filosofia - que marca a atual filosofia, Aristóteles é uma fonte de riqueza incontestável. A sua filosofia é viva, porque para a vida.

NOTAS

- (1) "Todo homem, por natureza, deseja conhecer". Arist. *Metafísica*, I,1.
- (2) Refiro-me aos detratores do pensamento metafísico que, de uma maneira ou de outra, instituem certos fundamentos cuja aceitação não depende de uma mera questão de coerência que faltaria à metafísica clássica, como sustentam aqueles.
- (3) Sabemos, graças aos testemunhos - sobretudo de D. Laércio - e aos mais recentes estudos, especialmente de W. Jaeger e E. Berti, que os vinte anos que Aristóteles passou na Academia, até a morte de Platão, foram decisivos para a formação do pensamento Aristotélico. Cf., de Jaeger, o seu magistral *Aristóteles* (1921).
- (4) Com o devido respeito aos helenistas, e sabendo que se trata de uma incorreção, outorgo-me o direito de não utilizar, por razões de ordem prática, os acentos nas palavras em grego.
- (5) Cf. Hamelin, O. *Aristote, Physique II*, Paris, 1931 e Mansion, A. *Introduction à la Physique aristotélicienne*, Louvaine-Paris, 1945 APUD Reale, G. *Introducción a Aristóteles*, Madrid, 1998.
- (6) É curioso notar como alguns físicos contemporâneos novamente se vêm às voltas com problemas desta ordem. Por mais que tentem renunciar a isso, é inevitável que nos rendamos à Kant e com ele afirmemos: "O elán metafísico é inerente à razão humana" (Kant, I. *passim*).
- (7) Talvez seja relevante notar que a *Metafísica* de Aristóteles, como demonstra Reale em sua *Hist. Fil. Antiga* (vol 2), poderia receber várias demoniações com referência aos seus objetos: Aitiologia (estudo das causas), Usiologia (estudo da substância), Ontologia (estudo do Ser) e Teologia (estudo de Deus).
- (8) Os escolásticos medievais assim immortalizaram: *Omne quod movetur ab alio movetur*.
- (9) Para a Física moderna nem todo movimento possui uma causa, como é o caso do movimento inercial, mas a este respeito duas

considerações precisam ser feitas: 1º O conceito de movimento para Aristóteles é mais amplo e profundo do que o moderno; 2º A negação de que o movimento (de qualquer espécie) não tenha uma causa, revela, em meu modo de entender, estreiteza de pensamento e superficialidade, pois mesmo um corpo em movimento inercial em algum momento precisou ter uma causa.

- (10) Esta é a célebre argumentação mediante uma *reductio ad absurdum*.
- (11) Aristóteles refere-se à teoria das esferas concêntricas, segundo a qual cada uma é movida por algo exterior, e não exatamente a Deus, a última esfera do Universo, por isso Aristóteles explicou (e nós grifamos) que este primeiro motor não é entendido como fim, mas como próximo.
- (12) Note-se que para os antigos o conceito de infinito está sempre relacionado com imperfeição.
- (13) Neste momento Aristóteles também introduz o problema do tempo, o qual também é eterno, pois "o tempo é o número do movimento" (251b 13), e se o movimento é eterno, assim o é o tempo.
- (14) Ficaram immortalizadas as suas palavras na Filosofia Ocidental: to on pollakwV legetai. ("O Ser se diz de muitas maneiras).
- (15) Cf. Arist. **Física**, 256a 1 - 6
- (16) A este respeito, como nota Guillermo R de Echandía, dá-se por aceita a impossibilidade de uma série infinita de causas motrizes. A argumentação está efetivamente na *Metafísica* (994a 1-31).
- (17) Cf. Arist. **Física**, 256a 13 - 22
- (18) Cf. id, *ibid*, 250b 11-252b 6.
- (19) Como indica G. Echandía, Conford observou que Aristóteles aceitou que o *peperasménon* é melhor que o *ápeiron* seguindo a suposição de um número limitado de elementos de Empédocles, contra os atomistas e Anaxágoras.
- (20) **Fundamentos da Filosofia**, *passim*.
- (21) Célebre expressão de G. Reale que serviu de título a uma de suas obras.
- (22) **As razões de Aristóteles**.
- (23) **Aristóteles no século XX**.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES, **Física**. Madrid, Gredos, 1995. (Intr., Trad. e notas de Guillermo R de Echandía.
- _____, **Metafísica**. Porto Alegre, Globo, 1969.
- REALE, Giovanni. **Guía de lectura de la "Metafísica" de Aristóteles**. Barcelona, Herder, 1999.
- _____. **Introducción a Aristóteles**. 2ª ed. Barcelona, Herder, 1992.